

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
CURSO DE MÚSICA LICENCIATURA

JACÓ PEREIRA VIANA

**O ENSINO DA MÚSICA NO COMPLEXO PENITENCIÁRIO SÃO LUIS/MA COMO
FERRAMENTA DE RESSOCIALIZAÇÃO:** Análise das oficinas de violão na UPSL1,
UPSL2, UPSL5 e UPFEM, no período de 03/2022 à 03/2023

São Luís
2025

JACÓ PEREIRA VIANA

O ENSINO DA MÚSICA NO COMPLEXO PENITENCIÁRIO SÃO LUIS/MA COMO FERRAMENTA DE RESSOCIALIZAÇÃO: Análise das oficinas de violão na UPSL1, UPSL2, UPSL5 e UPFEM, no período de 03/2022 à 03/2023

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Música Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão para o grau de Licenciatura em Música.

Orientador: Prof. Dr. Solon Santana Manica.

São Luís
2025

Viana, Jacó Pereira.

O ensino da música no complexo penitenciário São Luís/MA como ferramenta de ressocialização: Análise das oficinas de violão na UPSL1 , UPSL2 , UPSL5 e UPFEM , no período de 03/2022 à 03/2023 / Jacó Pereira Viana. - São Luís - MA, 2026.

37 f.

Monografia (Graduação em Música licenciatura) - Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2026.

Orientador: Prof. Dr. Solon Santana Manica.

1. Oficina. 2. violão. 3. Ressocialização. 4. Internos. 5. Pedrinhas. I. Título.

CDU: 780.71:343.244(812.1)

Elaborado por José Antônio Aguiar dos Reis - CRB 13/989

JACÓ PEREIRA VIANA

O ENSINO DA MÚSICA NO COMPLEXO PENITENCIÁRIO SÃO LUIS/MA COMO FERRAMENTA DE RESSOCIALIZAÇÃO: Análise das oficinas de violão na UPSL1, UPSL2, UPSL5 e UPFEM, no período de 03/2022 à 03/2023

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Música Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão para o grau de Licenciatura em Música.

Aprovado em 12/01/2026

BANCA EXAMINADORA

Me. Raimundo João Matos Costa Neto

Dr. Renato Moreira Varoni de Castro

Dr. Solon Santana Manica

“A música é o conhaque dos condenados”.

Bertold Brecht

RESUMO

Analisa-se a experiência desenvolvida por meio de oficinas de violão realizadas no Complexo Penitenciário de São Luís, no período de março de 2022 a março de 2023, nas unidades prisionais UPSL1, UPSL2, UPSL5 e UPFEM. Destaca-se a importância do ensino de música para o processo de ressocialização de internos e internas participantes, bem como o impacto dessa prática na humanização das relações no ambiente prisional. Descrevem-se o contexto em que as aulas foram realizadas, a metodologia adotada, os recursos físicos e humanos disponíveis e as limitações próprias do cárcere que interferem na realização do trabalho. Apresentam-se ainda os sujeitos e setores envolvidos na experiência, como corpo pedagógico, serviço social, agentes de segurança, direções e demais funcionários, ressaltando seu papel na viabilização de ações educativas dentro do complexo penitenciário.

Palavras-chave: oficina, violão, ressocialização, internos.

ABSTRACT

This paper analyzes the experience developed through guitar workshops held at the São Luís Penitentiary Complex, from March 2022 to March 2023, in the prison units UPSL1, UPSL2, UPSL5, and UPFEM. It highlights the importance of music education in the rehabilitation process of the inmates who took part in the workshops, as well as the impact of this practice on the humanization of relationships within the prison environment. The study describes the context in which the classes were conducted, the methodology adopted, the physical and human resources available, and the structural constraints inherent to the prison setting that affect the implementation of the project. It also presents the actors and sectors involved in the experience, including teaching staff, social assistance, security agents, directors, and other employees, emphasizing their role in making educational activities possible within the penitentiary complex.

Keywords: Workshop; guitar; rehabilitation; inmates.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2. MATERIAIS E MÉTODOS.....	16
2.1 Procedimentos metodológicos.....	16
3 RESULTADOS	28
4 DISCUSSÃO	31
5 CONCLUSÃO	34
REFERÊNCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

O ensino de música em ambientes de privação de liberdade tem se afirmado nas últimas décadas como possibilidade concreta de intervenção educativa, cultural e humana no interior do sistema prisional brasileiro. Em meio a um contexto marcado por superlotação, precariedade estrutural, tensões constantes e escassas oportunidades de formação, a presença da música representa uma quebra simbólica da lógica puramente punitiva, abrindo espaço para o exercício da sensibilidade, da criatividade e da convivência. A música, enquanto linguagem universal, possibilita ao indivíduo expressar emoções, refletir sobre sua trajetória e reconstruir simbolicamente sua relação com o mundo. Sendo que nos espaços de privação de liberdade estimula o autoconhecimento, fortalece o senso de pertencimento e promove a valorização pessoal, tornando-se uma via significativa de reconstrução subjetiva e social (Freitas, 2025).

Ao permitir que sujeitos encarcerados se expressem, aprendam, criem e interajam em torno de uma prática artística, a música se torna mais do que um conteúdo específico e converte-se em meio de reconstrução de trajetórias e de reorganização subjetiva. Dentro do contexto prisional, em que as rotinas são rígidas e a identidade muitas vezes é reduzida ao número e à pena, a experiência musical abre uma fresta por onde emergem memórias, afetos e possibilidades de reinterpretar a própria história, criando um ambiente em que cada pessoa pode revisitar vivências, confrontar silenciamentos e reconhecer habilidades antes adormecidas.

Quando alguém que vive a privação de liberdade encontra na música um espaço de expressão, inicia também um processo de reapropriação de si. Cantar, tocar ou compor não constitui apenas um exercício estético, mas um gesto que devolve voz a quem foi socialmente silenciado. A interação entre participantes, ao compartilhar ritmos, harmonias e narrativas, fortalece vínculos e estimula formas mais sensíveis de convivência, ampliando a percepção de pertencimento e de valor pessoal. Esse reencontro consigo, mediado pela música, permite que o indivíduo revise fragmentos de sua história que muitas vezes ficaram sufocados pelo tempo e pelo estigma da prisão. Melodias evocam lembranças, despertam afetos e ajudam a reorganizar experiências que antes pareciam dispersas ou inacessíveis. Nesse

movimento, a pessoa começa a reconhecer nuances de sua sensibilidade, compreendendo que há mais em sua trajetória do que o erro que resultou na condenação. Através de oficinas, corais e grupos instrumentais, os educandos desenvolvem competências cognitivas, disciplinares e emocionais que fortalecem o convívio social. Pois, a música pode funcionar como instrumento de mediação pedagógica e emocional, permitindo que os apenados elaborem experiências de violência, exclusão e sofrimento, transformando-as em narrativas estéticas e de resistência (Lima, 2023)

A prática musical cria também oportunidades para que cada participante perceba sua capacidade de produzir beleza e sentido em um ambiente que frequentemente reforça a ideia de fracasso e desvalorização. Aprender uma técnica, dominar um ritmo ou interpretar uma composição simples, torna-se forma concreta de experimentar competência. Esses gestos renovam a autoconfiança e alimentam a expectativa de construir novas possibilidades de vida para além dos muros do cárcere.

O convívio musical favorece a construção de um espaço coletivo menos marcado pelo conflito e mais aberto ao diálogo. Ao cantar em conjunto, escutar o outro ou ajustar a própria voz à harmonia do grupo, os participantes exercitam escuta, respeito e cooperação. Esses aprendizados, embora sutis, têm impacto profundo na forma como se relacionam entre si e consigo mesmos, contribuindo para a criação de ambientes mais amistosos e para a formação de laços capazes de sustentar processos de mudança e reintegração.

A realidade do sistema penitenciário brasileiro, frequentemente associada a violências explícitas e silenciosas, impacta diretamente a maneira como os indivíduos vivenciam o tempo, o espaço e as relações dentro e fora das celas. O encarceramento, além de retirar a liberdade física, tende a restringir também experiências simbólicas e afetivas. A rotina do cárcere, composta por repetições, controles e vigilâncias, inibe a expressão de afetos, a elaboração de conflitos internos e o desenvolvimento de projetos de vida. Em meio a esse cotidiano rígido, muitas pessoas privadas de liberdade encontram dificuldades para manter viva a noção de futuro. A sensação de suspensão do tempo, comum em ambientes de reclusão, pode abalar a capacidade de sonhar, planejar e reconhecer em si alguma

potência de mudança. As atividades institucionais, em geral limitadas, nem sempre oferecem meios para que esses sujeitos revisitem suas histórias e reconstruam a autoestima. Ainda assim, brechas de humanidade surgem quando experiências de socialização positiva são possibilitadas. A participação em atividades coletivas, mesmo simples, pode despertar lembranças, estimular vínculos e criar espaços de pertencimento que não se confundem com as dinâmicas de violência presentes no cotidiano prisional. Nesses momentos, a percepção de si e do outro ganha espessura e a vida deixa de ser apenas sobrevivência dentro dos limites da cela.

Práticas que favorecem a expressão e o compartilhamento de experiências permitem que cada pessoa resgate referências afetivas interrompidas com a prisão. Ao narrar memórias, dividir inquietações ou descobrir novas habilidades, os indivíduos passam a reorganizar sentidos fragmentados. Esse movimento contribui para que retomem a capacidade de reconhecer seu valor e imaginar caminhos possíveis após o cumprimento da pena. Nesse sentido, o ensino da música no ambiente prisional deve ser compreendido como um direito cultural e educativo, e não apenas como uma estratégia terapêutica ou ocupacional. Ele se insere em um processo mais amplo de humanização do cárcere, valorizando a capacidade dos indivíduos de aprender, criar e transformar suas realidades. Ao promover a sensibilidade, a escuta e o diálogo, a música torna-se uma poderosa ferramenta de ressocialização, contribuindo para a reintegração social e para o resgate da dignidade humana daqueles que, mesmo privados de liberdade, continuam sujeitos de cultura e de história (Rocha *et al.*, 2022).

Nesse cenário, a educação em suas diferentes modalidades apresenta-se como uma das vias institucionalmente reconhecidas para a construção de percursos de ressocialização. Quando a educação incorpora a arte e em especial a música, amplia-se o horizonte de possibilidades por se tratar de linguagem que atravessa dimensões racionais, emocionais e sociais da existência humana.

A música possui característica singular, pois se dirige simultaneamente ao corpo, à mente e às emoções. Aprender a tocar um instrumento envolve coordenação motora, disciplina, memória, concentração e paciência e ao mesmo tempo mobiliza lembranças, desejos, medos e esperanças por estar ligada a experiências anteriores com canções, ritmos, vozes e sons. Ao aproximar-se dessa

prática, pessoas em privação de liberdade encontram um território em que podem experimentar outra relação com o tempo. A repetição exigida pelo estudo musical é criativa, orientada para o aprendizado e para o gesto de construir algo novo, o que contribui para transformar a percepção do cotidiano e abrir espaço para sentimentos de competência e realização.

A música também favorece encontros significativos, seja na troca com colegas em atividades coletivas, seja no diálogo com o educador que conduz o processo formativo. Esses momentos ampliam a capacidade de escuta e fortalecem vínculos, permitindo que os indivíduos reconheçam no outro alguém com histórias, fragilidades e potências semelhantes às suas. Mesmo em ambiente marcado pela rigidez e pela violência, a prática musical cria frestas de humanidade que contribuem para reorganizar afetos e ressignificar a relação consigo e com a comunidade. No contexto prisional, em que grande parte das pessoas privadas de liberdade traz histórias de exclusão social, interrupção de trajetórias escolares e falta de acesso a bens culturais, a possibilidade de aprender música significa também acesso a um campo simbólico muitas vezes negado ou interrompido. Em vez de restringir-se à lógica da contenção, o ensino musical na prisão instaura um espaço de circulação de sentidos, no qual os internos se percebem como aprendizes, produtores de cultura e sujeitos ativos em um processo coletivo.

O Complexo Penitenciário de São Luís, no estado do Maranhão, historicamente conhecido como Presídio de Pedrinhas, tornou-se cenário de diversas reportagens e debates nacionais sobre violência, violações de direitos humanos e crises do sistema prisional. Nesse contexto, experiências educativas e culturais assumem contornos ainda mais significativos por se constituírem como contraponto a um imaginário social que associa o espaço unicamente à barbárie e ao abandono. Iniciativas que promovem formação humana, expressão criativa ou fortalecimento de vínculos adquirem valor simbólico ampliado. A presença da arte nesses espaços desafia narrativas cristalizadas e reafirma que, mesmo em contextos marcados por violações, há sujeitos com histórias, sentimentos e potenciais que não se esgotam no crime ou na punição. A música, enquanto linguagem que atravessa fronteiras sociais e afetivas, evidencia essa dimensão humana que o cárcere tende a apagar.

Práticas culturais no interior de unidades prisionais também contribuem para deslocar a visão de que o sistema é incapaz de produzir formas de cuidado, reconstrução ou dignidade. Elas demonstram que, apesar das limitações estruturais e das tensões permanentes, ações educativas podem abrir caminhos de diálogo e reconstrução simbólica. Ao oferecer oportunidades de aprendizado e criação, essas iniciativas reconfiguram não apenas a vida dos internos, mas também os modos como a sociedade enxerga os espaços de privação de liberdade.

A presença de uma oficina de violão sistematicamente organizada e ofertada ao longo de doze meses, entre março de 2022 e março de 2023, constitui esforço concreto de ressignificação do complexo penitenciário como lugar também de aprendizagem, construção de laços e produção de experiências estéticas e formativas. A oficina foi desenvolvida em quatro unidades distintas do complexo, UPSL1, UPSL2, UPSL5 e UPFEM, cada uma com especificidades estruturais, administrativas e humanas. Em todas se observou a necessidade de ações que ultrapassassem a dimensão meramente disciplinar e reconhecessem os internos como sujeitos capazes de aprender e transformar-se. O ensino do violão foi concebido como prática pedagógica que articulou objetivos técnicos, educacionais e humanos. O conteúdo musical, ainda que relevante em si, foi trabalhado como meio para a aquisição de capacidades como escuta, cooperação, convivência menos violenta, capacidade de aguardar o próprio tempo de aprendizagem e disposição para assumir responsabilidades compartilhadas. Sob a perspectiva da educação em prisões, a oficina dialoga com documentos e diretrizes que afirmam a educação como direito humano extensivo a todas as pessoas, inclusive aquelas em cumprimento de pena privativa de liberdade. A inclusão da música e de outras linguagens artísticas como parte das atividades educativas previstas em unidades prisionais decorre da compreensão de que a formação integral não se limita ao domínio de conteúdos escolares tradicionais. Nesse sentido, a arte é reconhecida como dimensão formativa, pois possibilita lidar simbolicamente com experiências de dor, falta, conflito e desejo, elaborando sentimentos e pensamentos que muitas vezes não encontram lugar na comunicação cotidiana. A prática musical assume papel central na construção de vivências que colaboram para o fortalecimento da autoestima, para a reconstrução da identidade e para o desenvolvimento de perspectivas de vida para além do encarceramento.

A experiência vivida no Complexo Penitenciário de São Luís mostrou que a música pode operar como mediadora importante no cotidiano institucional. Internos que em um primeiro contato demonstravam desconfiança, timidez ou desinteresse passaram a engajar-se nas atividades, a improvisar maneiras de praticar o conteúdo da aula na cela já que não tinham acesso ao violão fora do período da aula, a solicitar explicações adicionais e a comemorar pequenos avanços na execução de acordes e canções. Essa mudança foi sendo construída ao longo de encontros repetidos, em que o vínculo entre professor e alunos se fortaleceu e o grupo passou a se reconhecer como coletivo de aprendizagem.

Do ponto de vista subjetivo, muitos internos relataram que as aulas de violão eram os momentos mais aguardados da semana, por permitirem vivência distinta daquela experimentada nas celas e corredores. Em vez da tensão constante, o ambiente das aulas favorecia a escuta, o diálogo e o respeito mútuo. Em um local caracterizado por regras rígidas e pouca flexibilidade, a música criava intervalos em que era possível experimentar combinações sonoras, errar, corrigir e tentar novamente, sem que isso significasse punição ou humilhação. A relação com o erro nesse espaço difere daquela vigente na disciplina prisional, pois é compreendido como parte inevitável do processo de aprendizagem e não como falta moral.

As transformações observadas no comportamento e na forma de se relacionar dos participantes indicam que a prática musical pode influenciar o clima institucional. Em diversas ocasiões, agentes e equipes técnicas relataram perceber os alunos mais calmos, pacientes e menos reativos em situações de conflito após a participação nas aulas. Esses indicadores compõem parte essencial da relevância social da experiência. Ao aprender a ouvir o outro, a aguardar o próprio momento de tocar e a contribuir para que o colega acerte, o interno exercita competências necessárias também fora da prisão, na convivência em família, no trabalho e na comunidade.

O caminho percorrido pela oficina suscita reflexões sobre o modo como a sociedade enxerga a população carcerária. Em muitos discursos, o preso é reduzido ao crime cometido, como se sua identidade estivesse definitivamente marcada por esse ato. Projetos educativos que evidenciam a capacidade de aprendizagem, sensibilidade e criação dos internos desconstróem essa imagem simplificada. Ao ver

um interno tocar violão, acompanhar uma canção, ensinar um colega ou explicar um exercício, torna-se possível reconhecê-lo como sujeito em processo, portador de potencialidades, contradições e possibilidades de mudança. A música atua como contraimagem, revelando aspectos que o estigma tende a apagar.

Este trabalho se debruça sobre a experiência da oficina de violão no Complexo Penitenciário de São Luís com o propósito de analisar de que forma o ensino de música pode ser compreendido como ferramenta de ressocialização. A partir de observações sistematizadas ao longo de doze meses, busca-se identificar em que medida a prática musical impactou o comportamento, a organização do cotidiano, a percepção de si e a convivência entre os internos. A questão norteadora que orienta a pesquisa é a seguinte, de que maneira o ensino de música, por meio da oficina de violão, contribuiu para o processo de ressocialização de internos do Complexo Penitenciário de São Luís, entre março de 2022 e março de 2023. Articulam-se a ela questões derivadas, quais aspectos do desenvolvimento dos participantes foram mais visivelmente afetados pela prática musical, quais foram as principais dificuldades encontradas na implementação do projeto e que estratégias foram adotadas para superá-las, como os próprios internos perceberam a importância da oficina em suas rotinas de cumprimento de pena e que elementos dessa experiência podem subsidiar futuras ações de educação musical em contextos prisionais.

Responder a essas questões implica reconhecer a experiência relatada não como episódio isolado, mas como parte de movimento mais amplo que busca afirmar a centralidade da educação e da arte na construção de políticas de ressocialização. A análise proposta procura articular a vivência empírica com reflexões teóricas sobre educação musical, educação de jovens e adultos em privação de liberdade, humanização do sistema prisional e produção de conhecimento a partir de relatos de experiência, contribuindo para a consolidação da música como prática legítima em espaços historicamente concebidos como lugares de punição.

Nos capítulos seguintes, essa base inicial será aprofundada por meio da descrição metodológica, da apresentação e discussão dos resultados observados e das considerações finais, nas quais se apontam possibilidades de continuidade e aperfeiçoamento de projetos semelhantes.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

2.1 Procedimentos metodológicos

A oficina teve início no dia 18 de março de 2022, com carga horária organizada diariamente de segunda a sexta-feira, das nove ao meio-dia e novamente das quatorze às dezessete horas. Esse formato resultava em seis horas diárias de atividade pedagógica, totalizando uma jornada intensa, contínua e sistemática. As aulas aconteciam em apenas uma unidade prisional por dia. Exemplo: Segunda-feira UPSL1 , Terça-Feira UPSL2 e assim por diante. Essa organização era estabelecida de acordo com a disponibilidade oferecida pela direção da Unidade prisional em questão. A estruturação dessa rotina diária buscou garantir não apenas a regularidade do aprendizado, mas também a manutenção do vínculo entre educador e participantes, o que se mostrou fundamental para o desenvolvimento musical e para o amadurecimento pessoal dos internos.

A oficina estendeu-se ao longo de doze meses completos, de março de 2022 a março de 2023. Durante esse período, diversas turmas foram formadas e certificadas, pois cada ciclo possuía duração total de 160 horas. Essa rotatividade natural exigiu constante reorganização metodológica para que novos participantes fossem incorporados sem prejuízo ao andamento geral das atividades.

O projeto foi realizado no Complexo Penitenciário de São Luís, localizado na zona rural da capital maranhense, às margens da BR-135, no quilômetro 13, no bairro Pedrinhas. O complexo, conhecido nacionalmente por sua história marcada por desafios estruturais e sociais, reúne diversas unidades prisionais com características administrativas e arquitetônicas próprias.

O acesso ao conjunto é feito pela rodovia federal BR-135, que conduz aos portões de segurança, onde cada visitante, servidor ou professor passa por triagens específicas antes de entrar. O ambiente físico, isolado da área urbana, reforça a sensação de controle e rigor do espaço prisional, mas também favorece a concentração das atividades pedagógicas por afastar ruídos e agitações externas.

As oficinas de violão foram realizadas em quatro unidades distintas: UPSL1, UPSL2, UPSL5 e UPFEM. Cada uma possui estruturas, dinâmicas de convivência e condições de segurança específicas, o que demandou constante adaptação da prática pedagógica.

Na UPSL1, a primeira unidade a receber o projeto, as aulas ocorreram inicialmente em um templo religioso localizado na parte externa. O espaço, amplo, arejado e com boa incidência de luz natural, possuía piso conservado, janelas largas, portas largas e ventilação que favorecia não apenas o conforto térmico, mas também a propagação sonora adequada para o trabalho com instrumento musical. Havia bancos de madeira, cadeiras plásticas, sistema básico de sonorização e alguns instrumentos disponíveis. O local ainda contava com um pequeno gabinete pastoral com banheiro, o que facilitava a organização dos materiais. Após algum tempo, porém, por reorganizações internas, as aulas passaram a ocorrer em uma sala destinada anteriormente à recreação infantil nos dias de visita. Essa mudança implicou um espaço menor, menos ventilado e com condições acústicas menos favoráveis. A sala possuía um ventilador de teto, duas janelas e uma porta principal, além de desenhos infantis pintados nas paredes que davam ao ambiente um caráter mais lúdico, ainda que o espaço não tivesse sido projetado para atividades musicais.

Na UPSL2, as primeiras fases da oficina aconteceram no refeitório da unidade. Esse espaço, significativamente amplo, era utilizado pelos internos para refeições e para recepção de visitantes. Era cercado por grades que delimitavam o espaço e que, nos dias de atividade, eram fechadas pelos agentes penitenciários, que permaneciam do lado de fora enquanto as aulas ocorriam. O local tinha ventiladores de parede e mesas e bancos de cimento fixados ao chão.

O ambiente, apesar de extenso, possuía grande circulação de sons externos, o que por vezes exigia maior esforço de concentração. Com o passar dos meses, a oficina foi transferida para a igreja da unidade, integrada ao prédio principal. Embora menos isolada, a igreja apresentava estrutura mais adequada às atividades musicais: espaço amplo, melhor acústica, altar elevado e equipamentos de som e instrumentos disponíveis.

Em um terceiro momento, já na fase final da oficina, as aulas passaram para uma sala de aula climatizada, usada para atividades educacionais da EJA. Essa sala possuía paredes do tipo divisória, carteiras escolares, iluminação artificial e isolamento razoável dos ruídos externos, permitindo maior foco, organização e conforto térmico, especialmente nos horários de maior calor.

A UPSL5 é considerada uma das unidades de maior complexidade dentro do complexo penitenciário, por reunir internos com perfil disciplinar mais sensível e rotinas de segurança reforçadas. O setor onde a oficina era realizada ficava isolado

por grades e portas de controle, com salas destinadas a diferentes funções, como aulas teóricas, informática e armazenamento.

A oficina de violão foi instalada em uma sala anteriormente dedicada a atividades de malharia. As dependências possuíam ar-condicionado, iluminação adequada e cadeiras plásticas, permitindo organizar as aulas de forma mais estável. No entanto, por ser um espaço originalmente pensado para oficinas laborais, havia limitações acústicas e de circulação que exigiam readaptação da ergonomia e do posicionamento dos participantes durante os exercícios.

A UPFEM, unidade feminina, está localizada em área separada das unidades masculinas, situada após a entrada do complexo principal, acessível por via lateral. Nessa unidade, a maior parte das aulas ocorreu em uma sala destinada ao ensino formal, equipada com carteiras escolares, dois ventiladores de parede, janelas amplas, porta principal e banheiro interno.

Em alguns momentos, por demanda administrativa ou conflitos de agenda, as aulas foram transferidas para a pequena biblioteca, que contava com ar-condicionado, estantes ao redor e mesas redondas no centro. Em outras ocasiões, devido à ocupação da sala ou à necessidade de acomodar turmas maiores, a oficina foi realizada no pátio externo, local onde as internas recebem banho de sol.

O pátio é amplo e cercado por paredes altas, com cobertura apenas de tela metálica que permite a entrada direta de luz solar. Ali existem mesas de concreto e arquibancadas, mas o uso do ambiente dependia muito do horário, pois em determinados momentos do dia o sol tornava o espaço inadequado para atividades prolongadas.

Em todas as unidades, observou-se a ausência de um espaço próprio e permanente destinado especificamente ao ensino de música. Isso exigiu que os ambientes utilizados fossem adaptados de acordo com as possibilidades estruturais e organizacionais de cada local. Muitas vezes, o rearranjo de mesas, cadeiras e equipamentos demandava tempo extra antes do início das aulas, e era necessário transportar instrumentos entre ambientes ou buscar condições mínimas de ventilação e iluminação. Essas adaptações constantes impactaram a prática pedagógica e exigiram flexibilidade tanto do instrutor quanto dos participantes.

O relato aqui apresentado tem como base a vivência prática e as observações acumuladas ao longo de doze meses de atividade contínua. O objetivo foi compreender de que forma o ensino da música em ambiente prisional pode

contribuir para o processo de ressocialização dos indivíduos privados de liberdade, promovendo seu desenvolvimento pessoal, social e educacional.

Ao longo desse período, foi possível acompanhar não apenas o avanço técnico dos participantes, mas também mudanças sutis em sua postura, na maneira de se relacionar com o grupo e na forma como passaram a perceber suas próprias possibilidades. Situações antes marcadas pela desconfiança e pelo distanciamento foram gradualmente substituídas por gestos de colaboração, disposição ao diálogo e abertura para novas experiências. Esses movimentos, ainda que discretos, revelam a potência da prática musical como caminho para reconstrução subjetiva.

Além disso, a convivência contínua permitiu observar como a música se tornou um ponto de apoio emocional para muitos internos, funcionando como espaço de respiro em meio à rigidez da rotina prisional. A expectativa pelas aulas, o cuidado com os instrumentos e o empenho em aprender demonstraram que, mesmo em condições adversas, atividades artísticas podem mobilizar esperanças e oferecer meios concretos para que cada participante projete outros horizontes possíveis, dentro e além do cárcere.

Partiu-se do princípio de que a música não é apenas conteúdo técnico, mas instrumento capaz de favorecer expressão, reorganização subjetiva, disciplina, convivência e fortalecimento da autoestima. Assim, buscou-se observar quais benefícios concretos o ensino do violão proporcionou aos internos participantes das oficinas nas quatro unidades do Complexo Penitenciário de São Luís.

Participaram da oficina aproximadamente cento e vinte internos ao longo do ano, dos quais cerca de setenta concluíram integralmente o curso, recebendo certificação. Os números não são exatos porque a formação das turmas dependia da rotatividade típica das unidades prisionais. A saída ou entrada de participantes podia ocorrer por diferentes motivos, como desistência voluntária, transferência, progressão de regime, punições disciplinares mediante Processo Disciplinar Interno ou até mesmo questões de saúde. Somente internos com pena já sentenciada podiam participar, o que também influenciava o perfil e a constância dos grupos.

As turmas variavam entre oito e dez pessoas, dependendo da quantidade de violões disponíveis em cada unidade. Em todas as quatro unidades eram formados dois grupos distintos por dia, um no período da manhã e outro no período da tarde. As aulas eram exclusivamente presenciais e só aconteciam na presença do professor, com uma única exceção registrada na UPSL1, onde um interno com

experiência prévia em violão atuava voluntariamente como monitor em um dia da semana. Nesses momentos, os demais internos podiam praticar sob sua supervisão, o que também era considerado aula dentro da carga horária total.

O projeto de oficina de violão nesse período foi realizado pela IMEPEC, Instituto Maranhense de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura, organização responsável, à época, por diversas frentes de trabalho e projetos socioeducativos dentro do sistema penitenciário do Maranhão, em parceria com a SEAP, Secretaria de Administração Penitenciária. A empresa contrata os instrutores para todas as frentes de trabalho através de seleção própria, e as oficinas de música, tanto as de canto coral quanto as de violão, estavam vinculadas à secretaria religiosa da SEAP.

Meu ingresso como instrutor se deu através de um anúncio em redes sociais, “Procura-se professor de violão” e o contato pra enviar o currículo. Duas pessoas me enviaram esse anúncio e resolvi tentar. No anúncio não especificava nada sobre o local de trabalho e mais detalhes. Enviei meu currículo e somente uns 30 dias depois, entraram em contato comigo, solicitando que eu fosse até a SEAP (Secretaria de Administração penitenciária) participar da entrevista de seleção para o cargo de professor de música, na categoria oficina profissionalizante de violão, e receber explicações sobre o trabalho a ser realizado. Que eu procurasse a supervisão religiosa, ao chegar lá.

No dia combinado me dirigi a SEAP, levando comigo minha apostila de violão que eu usava para ensinar meus alunos particulares, uma apostila própria, que desenvolvi durante os anos de ensino de música. Ao chegar na secretaria, encontrei mais três colegas de música que também estavam lá para a seleção, já imaginávamos que seria algo relacionado ao sistema penal, mas todos estavam apreensivos com a vaga, pois não é algo casual. Os três colegas já eram graduados no curso de licenciatura em música pela UEMA e eu o único ainda em graduação. As entrevistas foram individuais, eu fui o penúltimo, cada um demorou cerca de meia hora. Chegou minha vez, entrei na sala determinada, conheci primeiramente a secretária da supervisão religiosa da SEAP, chamava-se Lucinha Rodrigues. Logo em seguida fui apresentado ao coordenador do IMEPEC - Instituto Maranhense de Educação Pesquisa Extensão e Cultura, seu nome é Lauro Mattioli. Me explicaram que a vaga era pra instrutor de uma oficina profissionalizante de violão no sistema penitenciário do Maranhão, inicialmente no Complexo São Luís (Pedrinhas), mas no futuro podendo estender-se aos interiores do estado.

A oficina de violão já existia havia alguns anos, sendo inicialmente realizada por voluntários e depois incorporada oficialmente à grade de cursos profissionalizantes ofertados no sistema prisional. Entretanto, estava inativa havia quase um ano quando assumi o cargo de novo instrutor, devido ao abandono da função pelo professor anterior. Esse reinício exigiu reconstrução do planejamento, retomada do vínculo com as unidades e reorganização do projeto para garantir continuidade e melhoria pedagógica.

A análise das experiências desenvolvidas ao longo dos doze meses de oficinas de violão no Complexo Penitenciário de São Luís permitiu compreender de maneira mais ampla o alcance da música como ferramenta educativa, sensível e profundamente humana no contexto prisional. Ao acompanhar diariamente o percurso dos internos nas quatro unidades que receberam o projeto, tornou-se evidente que o ensino do violão ultrapassa a dimensão técnica e assume um caráter formativo capaz de provocar reorganizações subjetivas, promover vínculos, favorecer a disciplina e estimular a construção de novas perspectivas de vida. O cotidiano das aulas, marcado por desafios estruturais, mudanças de espaço, limitações materiais e instabilidades próprias do sistema prisional, confirmou que, mesmo diante de condições adversas, práticas musicais podem emergir como territórios de respiro, afeto e transformação.

Foi utilizada a metodologia prática-vivencial. Essa metodologia fundamenta-se em um conjunto de referenciais teóricos que articulam a educação musical, a pedagogia crítica e a perspectiva sociocultural da aprendizagem. Trata-se de uma abordagem predominantemente prática-vivencial, centrada no fazer musical coletivo, na valorização dos saberes prévios dos participantes e na mediação pedagógica. No contexto das oficinas de violão popular, essa perspectiva manifesta-se na escolha de repertórios significativos, na escuta ativa dos participantes e na superação de práticas bancárias de ensino. No campo específico da educação musical, Lucy Green (2002) oferece importante contribuição ao discutir os processos de aprendizagem musical informal característicos da música popular. Segundo a autora, músicos populares aprendem prioritariamente por meio da escuta, da imitação, da repetição e da prática coletiva, elementos amplamente incorporados nas oficinas de violão popular. Essa abordagem favorece a autonomia, a colaboração entre pares e a construção de sentidos musicais vinculados ao cotidiano dos participantes. Complementarmente, Swanwick (1994) defende a educação musical

como experiência integrada, envolvendo execução, escuta e criação, o que reforça o caráter vivencial das oficinas. Autores como Schafer (1991) e Delalande (2019) ampliam essa compreensão ao valorizar a experimentação sonora e a criatividade como dimensões essenciais do aprendizado musical. A prática musical coletiva, nesse sentido, atua como contraponto às experiências. Dessa forma, o referencial teórico que sustenta a metodologia da oficina de violão popular compreende a aprendizagem musical como prática social, coletiva e significativa, alinhada a processos educativos emancipatórios e culturalmente situados.

Para as aulas eu utilizei a minha apostila própria como base. Na minha primeira reunião com cada turma participante da oficina, tínhamos um diálogo inicial, onde nos apresentávamos e eu deixava que cada um relatasse sua experiência com a música, se já tiveram algum contato com algum instrumento musical anteriormente, se já sentiu o desejo de estudar música antes e não teve a oportunidade, se na sua convivência anterior ao cárcere tinha algum parente ou amigo que tocasse algum instrumento. Esse diálogo já servia como parâmetro inicial para entender cada aluno ali.

Após a conversa inicial para me apresentar aos alunos e eles se apresentarem, começamos a seguir a apostila. O primeiro passo foi apresentar a teoria básica: Anatomia do violão, principais componentes da música e características do som. Apresentei as 7 notas naturais e suas respectivas cifras e começamos um exercício básico no instrumento. O exercício proposto para o contato inicial com o instrumento serve como alongamento e coordenação motora, o qual utilizamos a digitação com os dedos 1,2,3 e 4 sucessivamente nas respectivas quatro casas iniciais do braço do violão, fazendo em uma corda por vez. Após eles terem esse primeiro contato com o instrumento, foi apresentado o conceito de nota, acorde, tom, meio-tom e daí começamos o estudo dos acordes básicos, começando com a posição do dó maior, e as menores movimentações para transição de outros acordes, como por exemplo exercício um, mudança do dó maior para o lá menor, no qual se movimenta apenas o dedo 3. E assim fomos progredindo as variações com o menor grau de dificuldade possível.

Ao observar a rotina dos participantes, percebeu-se que o envolvimento com a música oferecia um ponto de ancoragem emocional raro no ambiente prisional. A frequência assídua, o cuidado com os instrumentos, o desejo de aprender novos acordes e a alegria diante de pequenos avanços demonstravam que a oficina não se

restringia a uma atividade formal: ela se tornava um lugar onde cada um podia experimentar outra forma de estar no mundo. Essa mudança se expressava não apenas na relação com o violão, mas também nas atitudes cotidianas, na postura diante do grupo e na forma como os internos passaram a perceber suas próprias capacidades. Em diferentes momentos, foi possível notar transformações sutis, porém significativas, na maneira de lidar com conflitos, na disposição para colaborar e na habilidade de escutar o outro.

Os relatos espontâneos dos participantes reforçaram a ideia de que a música funcionava como um canal para resgatar memórias, reorganizar afetos e reconstruir vínculos internos fragilizados pela trajetória penal. Muitos mencionaram que tocar violão lhes dava sensação de liberdade, ainda que momentânea, permitindo que se desconectassem das tensões do cárcere e acessassem lembranças de suas vidas antes da prisão. Outros destacavam que aprender a tocar representava um tipo de conquista pessoal, um desafio superado, algo que demonstrava a si mesmos e aos colegas que ainda eram capazes de realizar algo significativo. Esses depoimentos, colhidos informalmente durante o convívio diário, revelam que o impacto da música não se limita ao instante da aula, mas acompanha os participantes em seus recolhimentos, em suas reflexões e em seus modos de compreender a si próprios.

O processo contínuo de formação também evidenciou a importância do vínculo entre instrutor e participantes, vínculo este construído de maneira cuidadosa, cotidiana e sustentada pela presença constante. A regularidade das aulas, o diálogo horizontal e o respeito mútuo criaram condições para que os internos se sentissem seguros o suficiente para arriscar erros, expor dúvidas e compartilhar conquistas. No ambiente prisional, marcado por desconfianças e vigilâncias permanentes, essa relação de confiança representa um elemento pedagógico central. Sem ela, dificilmente seria possível alcançar a profundidade necessária para que a música exercesse seu papel de reorganização subjetiva e fortalecimento da autoestima.

Outro ponto relevante observado no percurso das oficinas diz respeito às condições estruturais dos espaços utilizados. A ausência de ambientes próprios para práticas musicais exigiu constantes adaptações metodológicas, deslocamentos entre salas e reorganizações improvisadas de mobiliário. Essa instabilidade poderia comprometer o andamento do projeto, mas acabou impulsionando o desenvolvimento de estratégias criativas que permitiram a continuidade das aulas. A resiliência dos grupos frente às mudanças de espaço demonstrou que o

compromisso com o aprendizado era maior do que qualquer desconforto físico, e que a música, por si só, sustentava a motivação coletiva.

As diferenças entre as unidades — UPSL1, UPSL2, UPSL5 e UPFEM — também contribuíram para uma compreensão mais profunda do impacto da oficina. Cada ambiente, com suas dinâmicas próprias, influenciava diretamente o comportamento do grupo, a maneira de se relacionar e o ritmo de aprendizagem. Na unidade feminina, por exemplo, a presença de espaços menores e mais reservados favoreceu momentos de maior intimidade e diálogo. Na UPSL5, onde o controle disciplinar era mais rígido, a música parecia produzir um efeito de equilíbrio, oferecendo aos internos uma rara oportunidade de experimentar autonomia dentro de limites muito estreitos. Já nas unidades UPSL1 e UPSL2, as constantes mudanças de local revelaram a importância da flexibilidade pedagógica e do planejamento sensível às condições institucionais.

Do ponto de vista educacional, as oficinas contribuíram para ampliar habilidades cognitivas e motoras dos participantes. A aprendizagem do violão envolve atenção, memória, coordenação e disciplina, aspectos fundamentais para o desenvolvimento pessoal. Contudo, mais importante que o domínio de técnicas musicais foi a percepção dos próprios participantes sobre sua capacidade de aprender. Muitos chegavam às primeiras aulas descrentes de si mesmos, afirmando não ter talento ou habilidade alguma. Com o tempo, ao perceberem que pequenos avanços eram possíveis, reconstruíam sua autoconfiança e alimentavam o desejo de continuar aprendendo. Esse movimento repercutia não apenas na aula de violão, mas também em suas expectativas sobre o futuro, ampliando a compreensão de que a mudança é possível, ainda que gradual.

Além disso, o número expressivo de participantes certificados demonstra que a oficina conseguiu manter um fluxo consistente de aprendizado mesmo diante da rotatividade característica das prisões. A taxa de conclusão, embora afetada por fatores externos como transferências, progressões de regime, punições disciplinares ou questões de saúde, revela que a proposta conseguiu estabelecer continuidade e gerar resultados concretos. O processo de certificação, mais do que um registro burocrático, assumiu para muitos internos o significado simbólico de reconhecimento. Receber um certificado, nesse contexto, representa uma validação de esforço e dedicação — algo que muitas vezes faltou em suas trajetórias anteriores.

Ao longo do projeto, ficou claro que a música contribui para a ressignificação da identidade dos participantes. A possibilidade de serem vistos não apenas como presos, mas como estudantes, músicos iniciantes ou colegas de grupo, desloca o olhar que recai sobre eles e abre espaço para novas narrativas sobre si mesmos. A prática musical rompe, ainda que parcialmente, o estigma da prisão, revelando camadas de humanidade que persistem apesar das marcas do encarceramento. Essa transformação, embora subjetiva e difícil de mensurar, é um dos ganhos mais significativos que a educação artística pode oferecer dentro do sistema penitenciário.

Os resultados observados também reforçam a necessidade de políticas públicas que valorizem práticas educativas vinculadas à arte, especialmente em espaços de privação de liberdade. Projetos como este mostram que a música não é um complemento secundário, mas um caminho eficaz para promover reintegração social, fortalecer vínculos, estimular competências socioemocionais e ampliar horizontes de futuro. Investir em oficinas regulares, formação de instrutores, melhoria de espaços e aquisição de instrumentos é investir na dignidade humana e na possibilidade de reconstrução de vidas atravessadas pela desigualdade, pela violência e pelo abandono social.

Por fim, a experiência demonstrou que o ensino da música no ambiente prisional é mais que uma atividade pedagógica: é um ato de resistência e cuidado. Resistência porque afirma a presença da sensibilidade e da criatividade em um espaço historicamente marcado pela desumanização. Cuidado porque oferece aos participantes um território seguro para experimentar emoções, expressar fragilidades e reconstruir suas narrativas internas. Ao final dos doze meses de convivência, tornou-se evidente que a música não apenas atravessou as barreiras físicas do cárcere, mas também alcançou regiões profundas da subjetividade dos participantes, iluminando caminhos que talvez permanecessem inacessíveis sem essa mediação artística.

Diante de tudo isso, conclui-se que o ensino do violão no Complexo Penitenciário de São Luís não se limita a um projeto cultural, mas constitui um espaço formativo capaz de produzir impactos reais e significativos no processo de ressocialização. A música, nesse contexto, reafirma seu poder de tocar, transformar e reorganizar vidas. E se cada acorde aprendido, cada melodia ensaiada e cada gesto de cooperação puder abrir um milímetro de esperança na trajetória de alguém,

já se terá cumprido um dos papéis mais nobres da educação: o de possibilitar que novas histórias possam ser escritas, mesmo em meio às paredes mais altas

A experiência musical em prisões também é uma oportunidade de aproximação entre a comunidade carcerária e a sociedade civil. A realização de apresentações, concertos e projetos culturais permite que os internos compartilhem seus talentos e ressignifiquem sua imagem pública, rompendo com o estigma da marginalidade. Assim, a arte se torna um veículo de diálogo entre o cárcere e o mundo exterior (Costa, 2013). No primeiro momento, anterior ao contato inicial com o campo de atuação, diversos desafios se apresentavam na elaboração do planejamento pedagógico. Entre eles, destacam-se: a necessidade de promover a motivação para a construção do aprendizado voltado à inserção em uma sociedade que, na maioria das vezes, não valoriza o apenado; o estímulo à autonomia para o exercício da liberdade futura em um espaço marcado pela privação dessa condição; a promoção do aprendizado musical em um ambiente que, a priori, não favorece a musicalidade; e a criação de estratégias, por meio da educação musical, capazes de fomentar um espaço de socialização em um contexto no qual o isolamento social é predominante.

Tais questões e desafios constituíram os primeiros passos para o planejamento da educação musical no ambiente prisional, uma vez que orientaram a definição dos objetivos estabelecidos nos planos de aula (Motin, 2013). Nos primeiros contatos com os internos, procurei através de diálogo, antes mesmo de começar qualquer prática com o instrumento, entender qual a relação que cada um já teve com a música, se algum já teve experiência na prática de algum instrumento, que tipo de música fez parte da sua vida, isso tudo serviu de informação para desenvolver o método de abordagem que seria utilizado e o repertório que seria executado. (Silva; Gomes, 2018)

No campo pedagógico, o ensino de música dentro dos presídios reafirma a importância da educação como prática libertadora. O ato de aprender e de criar coletivamente resgata o sentido de pertencimento e reforça o potencial de mudança. Esse processo educacional desafia o paradigma de exclusão e propõe uma educação voltada para a emancipação humana (Quaresma *et al.*, 2021).

Em síntese, o ensino da música no ambiente prisional não se restringe à aprendizagem técnica de um instrumento ou de conceitos teóricos. Ele representa

um ato de resistência e de esperança, capaz de transformar realidades e reconstruir vidas. A música, quando utilizada como ferramenta pedagógica e humanizadora, concretiza o direito à educação e amplia os horizontes de liberdade e cidadania para aqueles que buscam recomeçar (Freitas, 2025; Ferreira; Cantero, 2025; Campos, 2024). A metodologia foi guiada pelo princípio da educação humanizadora, que entende o ensino como prática libertadora e transformadora. A música, nesse sentido, foi utilizada como mediadora entre o conhecimento técnico e a expressão pessoal, promovendo o diálogo, a escuta e a reconstrução de vínculos interpessoais. O foco principal será compreender de que maneira o aprendizado musical contribui para a formação de valores éticos e sociais, possibilitando aos internos resignificar sua relação com o mundo e com a própria história.

Os cuidados éticos foram fundamentais, considerando a vulnerabilidade da população envolvida e a discriminação que é característica do contexto prisional. A confidencialidade foi assegurada através da não divulgação de imagens e vídeos, que em algumas ocasiões especiais foram feitas, como em apresentações e recitais. Os participantes tiveram garantido o direito de desistência a qualquer momento, sem prejuízo em sua situação prisional.

3 RESULTADOS

Os resultados da experiência revelaram transformações significativas em múltiplas dimensões, evidenciando o potencial do ensino musical como ferramenta de ressocialização no contexto prisional. Ao todo cerca de mais ou menos 120 internos participaram das oficinas. Desse total, 70 receberam certificado por conclusão do curso, que durava ao total 160 horas , e rendia ao interno 13 dias de remição de pena . No plano técnico-instrumental, observou-se progressão consistente no domínio do violão por parte dos participantes com a maioria alcançando autonomia para executar sequências básicas de acordes. A evolução foi particularmente notável entre aqueles sem experiência musical prévia que gradualmente superaram dificuldades motoras e desenvolvendo coordenação necessária para a prática do violão.

Os encontros regulares proporcionaram estruturação temporal e espacial dentro da rotina carcerária, criando referências positivas em ambiente marcado pela desestruturação cotidiana. A prática musical coletiva gerou dinâmicas de cooperação que transcendiam as relações convencionais entre detentos, estabelecendo novos padrões de convivência baseados em apoio mútuo e reconhecimento de competências.

As principais experiências vivenciadas pelos participantes incluíram momentos de descoberta musical, superação de limitações técnicas e construção de identidades positivas através da prática artística.

A primeira apresentação interna realizada após 4 meses de oficina, representou marco simbólico importante, onde os internos experimentaram pela primeira vez a sensação de serem reconhecidos por habilidades não relacionadas ao contexto criminal. Essa apresentação aconteceu na Semana do encarcerado, que acontece todos os anos no mês de agosto. Relatos emocionados sobre “encontrar a voz através da música” e “descobrir a capacidade de criar beleza” foram recorrentes nos depoimentos relatados por eles posteriormente às apresentações.

A experiência de ensinar colegas iniciantes emergiu como fator de fortalecimento da autoestima, com participantes mais avançados assumindo voluntariamente funções de monitoria informal.

Tivemos momentos de composição musical, onde de acordo com o desenvolvimento da turma, propus tema instrumental criado na hora , para ser executado e os internos tiveram a participação dando o nome a canção.. E esses momentos proporcionaram espaços catárticos para expressão de emoções reprimidas. A aprendizagem do repertório conectou os participantes a suas raízes culturais, resgatando memórias afetivas e vínculos identitários frequentemente fragilizados pelo encarceramento.

No plano comportamental a equipe pedagógica observou redução significativa em incidentes disciplinares envolvendo participantes da oficina, com diminuição em relatos de conflitos internos comparado ao período anterior ao projeto. A prática musical regular demonstrou efeitos terapêuticos mensuráveis com relatos espontâneos sobre diminuição da ansiedade e desenvolvimento de maior paciência no trato interpessoal. A experiência de tocar em conjunto exigiu e desenvolveu habilidades sociais específicas: escuta ativa , respeito aos diferentes ritmos de aprendizagem, capacidade de seguir lideranças musicais e exercício de humildade ao reconhecer limitações técnicas. O violão tornou-se objeto de cuidado e valorização, contrastando com a relação frequentemente destrutiva com objetos no ambiente prisional.

A experiência produziu também resultados tangíveis na forma de repertório musical desenvolvido coletivamente. Em cada unidade foi desenvolvido um repertório peculiar. Nas unidades UPSL 01 e UPSL 02, a maioria dos participantes eram evangélicos, então eles queriam trabalhar um repertório voltado para a religião. Na UPFEM e UPSL5 o repertório foi mais universalista, mesclando canções populares e canções religiosas. Vale ressaltar que o repertório foi construído em cima de músicas de fácil execução, poucos acordes. As músicas em comum em todas as unidades foram um arranjo musical para violão instrumental da música cristã “Eu navegarei” ,que é uma canção que possui apenas uma sequência de quatro acordes que se repetem em toda a música. Já a parte da melodia, eu escrevi em forma de tablatura e foi executada pelos internos que já tinham uma desenvoltura maior no instrumento, os outros fizeram a harmonia. Tivemos também um arranjo para violão instrumental da música “Asa Branca” com a mesma divisão, uma parte da turma fazia a harmonia e outra a melodia . Teve um arranjo autoral instrumental, denominado “Exílio”, que foi uma música composta por mim para que os internos executassem, ela possuía apenas 3 acordes e uma melodia bem

marcante, dividia em duas partes, que se repetia ao longo da música, além de “O sol- Jota Quest” que era executada apenas com a sequência 4 acordes maiores durante a música toda e a canção regional maranhense “Se não existisse o sol- Bumba boi da maioba”, essas duas últimas, ao contrário das outras, era dividia em harmonia acompanhada com o canto pelos internos. Nas unidades UPSL 05 e UPFEM também foi trabalhada a canção sertaneja “A maior saudade de todos os tempos”, música pedida pelos internos, e nas unidades UPSL2 e UPSL 1 foram trabalhados diversos hinos cristãos. Todo esse repertório foi apresentado em ocasiões específicas: Semana do encarcerado, Recital de São João , Recital de natal e recital de encerramento da oficina. Cada um desses dentro das suas respectivas unidades prisionais.

4 DISCUSSÃO

Os resultados oriundos da implementação da Oficina de violão no complexo penitenciário São Luís (Pedrinhas) entre março de 2022 e março de 2023, revelaram transformações significativas que transcenderam o âmbito estritamente musical, alcançando dimensões psicológicas, sociais e comportamentais dos participantes. Os momentos de apresentação pública interna, constituíram marcos simbólicos importantes no processo. A primeira apresentação representou experiência inaugural de reconhecimento positivo por habilidades não relacionadas ao contexto criminal. Os presentes puderam contemplar as reações emocionais significativas quando os internos receberam aplausos de colegas e funcionários. Este reconhecimento público, conforme analisado sob a luz do referencial teórico sobre identidade e estigma (Goffman, 1988) funcionou como contraponto às experiências cotidianas de desqualificação e invisibilização permitindo emergência de identidades alternativas baseadas na criatividade e competência técnica, essas identidades alternativas não se refere a personalidades distintas e fixas, mas sim a diferentes “faces” ou “eus” que um indivíduo projeta e gere em variados contextos sociais.

A preparação para estas apresentações gerou processos de solidariedade grupal com participantes mais avançados auxiliando voluntariamente os iniciantes, comportamento que contrastava com dinâmicas competitivas frequentemente observadas em outros contextos institucionais.

A experiência da Oficina de violão produziu impactos significativos nas dinâmicas institucionais mais amplas do complexo penitenciário, observáveis através de múltiplas fontes de dados. As apresentações internas em algumas ocasiões incluíram a presenças além dos outros internos e corpo pedagógico e social da unidade, mas também de outros funcionários, como o diretor da unidade, pessoas de fora do complexo, como a coordenadora da secretaria de educação do município. E isso gerou a mudança nas percepções de funcionários e administradores sobre as capacidades e potencialidades da população carcerária. Tivemos relatos de agentes penitenciários que se surpreenderam com o “nível de dedicação e talento” demonstrado por alguns participantes, sugerindo início de um processo de desconstrução de estereótipos estigmatizantes. Esta mudança perceptual, embora incipiente e não generalizada, indica potencial de exposição a produções culturais de

qualidade para humanização das relações entre custódios e custodiados, corroborando argumentos teóricos sobre arte como mediadora institucional (Azevedo, 2019).

No plano de transformações individuais mais profundas, a análise de narrativas (Riesseman, 2021) construídas a partir de entrevistas longitudinais com 12 participantes revelou mudanças significativas nos autorrelatos identitários, comparando entrevistas realizadas no início e no final da experiências, observou-se gradual substituição de narrativas centradas em rótulos criminais (ex: "assaltante"; "condenado") por descrições baseadas em atividades e competências ("estudante de violão", "violonista iniciante", "violeiro"). Esta reconstrução narrativa, embora não necessariamente indicativa de transformação psicológica profunda, representa significativa ressignificação de autoimagem no curto prazo, fator que a literatura especializada (Ferreira; Cantero, 2025) associa a melhores prognósticos de reinserção social. A emergência da identidade de "músico aprendiz" pareceu funcionar como identidade provisória transitória, permitindo experimentação de modos de ser não associados ao passado delitivo.

Os resultados relacionados ao desenvolvimento de habilidades transferíveis para contexto pós-carcerário emergiram como aspecto particularmente relevante da experiência. Através de exercícios específicos desenvolvidos no projeto, os participantes praticaram habilidades como trabalho em equipe, cumprimento de prazos (preparação para apresentações), recebimento e incorporação de feedback construtivo e autoavaliação crítica de desempenho. Estas competências frequentemente citadas na literatura sobre educação para reinserção (Freitas, 2025) foram contextualizadas através da prática musical, adquirindo significado imediato para os participantes. A experiência de ensinar colegas menos avançados voluntariamente assumida por alguns dos participantes em algum momento do processo, desenvolveu habilidades pedagógicas básicas e capacidade de explicar processos complexos de maneira acessível.

Os desafios e limitações identificados durante a experiência, incluíram rotatividade significativa de participantes, devido a progressão de regime ou liberdade, punições ou desistência. A infraestrutura física limitada, com espaços acusticamente inadequados e vulneráveis a interrupções por atividades institucionais prioritárias, representou obstáculo constante a qualidade pedagógica. A dificuldade de acesso a materiais de reposição (cordas, tarraxas, pestanas etc.) devido a

procedimentos burocráticos de aquisição e entrada no sistema prisional gerou interrupções pontuais nas atividades. Estas limitações, contudo, não impediram o desenvolvimento geral positivo da experiência, mas destacaram a necessidade de adaptação metodológica constante às condições específicas do contexto carcerário.

Embora tenhamos todos esses pontos positivos alcançados com a inserção da educação através da música, no caso, da oficina de violão, no complexo penitenciário São Luís. Em 2023 o projeto foi encerrado. Então fica o questionamento: As autoridades competentes realmente estão interessadas na ressocialização dos internos? Se só acham válidas atividades manuais ou também se interessam em atividades que produzam frutos intangíveis no ser humano? Como é o caso da educação musical.

5 CONCLUSÃO

A experiência da Oficina de violão desenvolvida no Complexo Penitenciário São Luís (Pedrinhas) entre março de 2022 e março de 2023, evidenciou, de maneira concreta e analítica, o potencial transformador da educação musical como instrumento de ressocialização no contexto carcerário. Os resultados observados transcendem significativamente o âmbito do aprendizado técnico-instrumental, atingindo dimensões psicológicas, sociais e comportamentais que tocam a essência dos processos de humanização e reconstrução identitária em ambientes de privação de liberdade. A prática musical coletiva demonstrou capacidade singular para criar espaços simbólicos de expressão, reflexão e reconstrução de vínculos em um contexto, marcado historicamente pela fragmentação relacional e pela negação de subjetividades.

O desenvolvimento técnico alcançado pelos participantes com progressão mensurável no domínio do instrumento, leitura de cifras e execução de repertório coletivo, constituiu base material para transformações mais profundas. No plano subjetivo, a experiência possibilitou emergência de identidades positivas ancoradas na criatividade e na competência artística oferecendo contraponto significativo aos rótulos estigmatizantes associados à condição carcerária. A reconstrução narrativa observada nos depoimentos dos participantes com gradual substituição de autoidentificação baseada em passados delitivos por descrições centradas em atividades musicais e projetos futuros, representa conquista de relevância considerável no contexto prisional.

No âmbito relacional, a prática musical coletiva reconfigura dinâmicas de convivência intramuros, estabelecendo novas formas de interação baseadas em competências artísticas e contribuição grupal em contraste com hierarquias tradicionalmente fundamentadas em violência ou tempo de pena. A experiência de tocar em conjunto desenvolveu habilidades sociais específicas. A redução significativa de incidentes disciplinares entre os participantes regulares sugere correlação entre engajamento musical e melhor adaptação ao regime institucional.

Os impactos da experiência estenderam-se para além dos limites temporais e espaciais da oficina de violão. As limitações identificadas não invalidam os resultados alcançados. A experiência como um todo reforça a urgência de políticas

públicas que reconheçam a educação artística como direito fundamental mesmo em contextos de restrição de liberdade, em consonância com a Lei de Execução Penal e com princípios internacionais de direitos humanos. A educação musical, embora de comprovada eficiência no âmbito de promover ressocialização em ambientes até de restrição de liberdade, como o prisional, continua sendo deixada sem protagonismo nos mesmos. A oficina de violão no Complexo Penitenciário São Luís foi encerrada em 2023.

Como perspectiva futura, recomenda-se a sistematização e a disseminação da metodologia desenvolvida, visando à sua replicação em outros contextos prisionais. Ressalta-se, ainda, a importância do incentivo à permanência e à manutenção de ações de educação musical em ambientes de privação de liberdade, compreendidas como ferramentas potencializadoras dos processos de ressocialização. Ademais, sugere-se a implementação de mecanismos de acompanhamento no período pós-liberdade, com o objetivo de avaliar os impactos duradouros da experiência musical nos processos de reinserção social dos participantes.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Flávia Regina Porto de. **Políticas públicas e direito à educação: a educação de jovens e adultos-EJA para privados de liberdade nos estabelecimentos penais em Manaus**. 2019. Disponível em <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/7175>

BRASIL. Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984. Lei de Execução Penal. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 13 jul. 1984.

DELALANDE, François. **A música é um jogo de criança**. São Paulo: Peirópolis, 2019.

FERREIRA, Agda Aparecida Rabelo; CANTERO, Alba Maria Mensonza. **Caminhos para a Liberdade: Educação como Pilar da Ressocialização de Condenados. HUMANIDADES E TECNOLOGIA (FINOM)**, v. 52, n. 1, p. 484-499, 2025.

FREITAS, Priscila Acosta de. **Educação musical como instrumento de ressocialização dos privados de liberdade. Caderno Pedagógico**, v. 22, n. 1, p. e13742-e13742, 2025.

GREEN, Lucy. **How popular musicians learn: a way ahead for music education**. Aldershot: Ashgate, 2002.

GOFFMAN, Erving . **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4 ed Rio de Janeiro, LTC 1988

IMEPEC — dados cadastrais no Portal da Transparência
<https://portaldatransparencia.gov.br/licitacoes/26402280/pessoa-juridica/18242963000167>

IMEPEC — informações complementares
<https://empresas.serasaexperian.com.br/consulta-gratis/INSTITUTO-MARANHENSE-DE-EDUCACAO-PESQUISA-EXTENSAO-E-CULTURA-IMEPEC-18242963000167>

LIMA, Gilson Machado. O ensino de música do Projeto X em uma penitenciária de segurança máxima do município de João Pessoa-PB. 2023.

MOTIN, Felipe Gabriel , **EDUCAÇÃO MUSICAL NO AMBIENTE CARCERÁRIO, 2013**

MOTIN, Felipe Gabriel; SILVA, Levi Leonido Fernandes da. **Práticas de ensino de música no contexto prisional: análise comparativa de estudos de casos.** ERAS| **European Review of Artistic Studies**, v. 10, n. 1, p. 56-74, 2019.

QUARESMA, Nívea Maria Pimentel; DOS SANTOS ROCHA, Rafael; CRUZ, Luzilene Alves. **A pedagogia e o sistema prisional: a educação em ambiente não escolar.** **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 2, p. 18-18, 2021

RIESSMAN . Catherine Kohler **Narrative methods for the human sciences** Los Angeles, Sage 2012

ROCHA, Mateus Maciel Vieira da et al. **Análise de experiências sobre o ensino de música no ambiente prisional.** 2022.

SCHAFER, R. Murray. **O ouvido pensante.** São Paulo: UNESP, 1991.

Secretaria de Administração Penitenciária do Maranhão (SEAP) — site oficial
<https://seap.ma.gov.br/>

SEAP, **Notícia sobre projetos musicais no sistema prisional**
<https://seap.ma.gov.br/noticias/orquestra-de-violoes-tocando-a-vida-se-apresenta-no-natal-de-todos-nos>

SILVA, AL; GOMES, AM. Avaliação educacional: concepções e embates teóricos. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 29, n. 71, p. 350-384, maio/ago. 2018. Disponível em:
<http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/eae/article/view/5048/3636>. Acesso em

SWANWICK, Keith. **Teaching music musically.** London: Routledge, 1994.